



O uso da ayahuasca no tratamento da dependência química: uma revisão integrativa brasileira

The use of ayahuasca in the treatment of chemical dependence: a Brazilian integration review

Leonardo Ferreira de Souza*
Alberto Mesaque Martins**

Resumo: Este é um artigo de revisão integrativa da produção científica brasileira sobre o uso da ayahuasca no tratamento da dependência química. Foram analisados 11 estudos, identificados nas bases de dados PePsic, SciElo, Lilacs e Google Acadêmico, por meio de buscas sistemáticas com as palavras chaves “Ayahuasca”, “Dependência Química” e “Santo Daime”. Os estudos revelam que, durante as cerimônias e, sob os efeitos da ayahuasca, os participantes se defrontam com importantes e profundas reflexões sobre suas histórias de vida e questões existenciais, as quais mobilizam a transformação dos modos de pensar, sentir e agir acerca de diferentes temas, inclusive a dependência química. Além disso, para além dos efeitos da bebida, os estudos apontam para a importância do grupo religioso no processo de cura dos dependentes químicos, reafirmando a importância da religiosidade nesse contexto.

Palavras-chave: Toxicomania, Religiosidade, Revisão de literatura. Droga (dependência).

Abstract: This is an integrative review article about Brazilian scientific production about the use of Ayahuasca in the treatment of chemical dependence. Were identified 11 studies, localized in the databases PePsic, SciElo, Lilacs, and Google Scholar, through systematic searches with the keywords “Ayahuasca,” “Chemical Dependence,” and “Santo Daime.” Studies show that during treatment ceremonies and, under Ayahuasca’s effects, participants face critical and profound reflections on their life history and existential issues, which mobilize the transformation of thinking, feeling, and acting. About different topics, including chemical dependency. Besides, besides the effects of drinking, studies point to the importance of the religious group in the process of curing drug addicts, reaffirming the importance of religiosity in this context.

Keywords: Toxicomania. Religiosity. Literature review. Drug (dependency).

* Graduando em Psicologia (PITÁGORAS-BETIM, Betim, MG). ORCID: 0000-0002-5068-9331 - contato: leonardoferreira-s@hotmail.com

** Professor do curso de Psicologia da PITÁGORAS-BETIM (Betim, MG). Doutor em Psicologia. ORCID: 0000-0002-6032-3122 - contato: albertomesaque@yahoo.com.br

Introdução

A dependência química é um grave problema social que alcança um grande número da população brasileira e também mundial (UNODC, 2014). Segundo dados do relatório do Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC), no mundo, 29 milhões de adultos são dependentes químicos e cerca de 250 milhões de pessoas já usaram, pelo menos uma vez, algum tipo de droga (UNODC, 2014). Juntamente às estratégias governamentais, em especial àquelas no âmbito da saúde pública, vemos crescer também o número de métodos terapêuticos não convencionais para enfrentamento desse tema (Santos, Moraes, Holanda, 2006). Dentre os tratamentos alternativos para a dependência química destacam-se aqueles pautados no uso de substâncias psicoativas, como as plantas de poder (Mercante, 2013a; Mercante, 2013b).

Segundo Santos, Moraes, Holanda (2006), existem dois tipos de terapias que fazem uso de psicoativos. As primeiras são denominadas “psicodélicas”, em que é dada apenas uma dose da substância psicoativa usada no tratamento em questão, dose esta intensa, alta e forte que tem por objetivo proporcionar uma experiência mística e espiritual e, conseqüentemente, mudanças comportamentais e cognitivas. As segundas são intituladas “terapias psicolíticas”, em que são feitas aplicações de doses intermitentes da substância psicoativa, podendo ser de semanais e/ou mensais, acompanhados de psicoterapia (Santos, Moraes, Holanda, 2006). De acordo com Santos, Moraes, Holanda (2006), os efeitos que o LSD-25 causava foram descobertos em 1943 por Albert Hofmann e, logo após isso, outras substâncias da mesma classe foram usadas em meio psicoterapêutico, médico e religioso¹. Tais meios buscam levar o sujeito a um “estado de consciência alterado cósmico”, experiência que leva a uma realidade transcendente (Jesus Júnior, Salvi, Evangelista, 2015; Santos, Moraes, Holanda, 2006). Experiências com o LSD-25 que objetivaram alcançar mudança de valores, filosofia de vida e comportamentos entre dependentes químicos tiveram sucesso na maioria desses objetivos (Jesus Júnior, Salvi, Evangelista, 2015).

Vale ressaltar que o uso de substâncias químicas nos tratamentos de uso abusivo de drogas é mais aceito que o uso de plantas e vegetais, como, por exemplo, a ayahuasca, devido aos preconceitos existentes em relação a estas substâncias (Jesus Júnior, Salvi, Evangelista, 2015). Tribos indígenas afetadas pelo alcoolismo fazem uso de diversos psicoativos para cura do vício, tais como cactos que contenham mescalina, como o peiote (*Lophophora williamsii*), com um alto índice de sucesso, assim como o uso do tabaco (*Nicotiana tabacum*), utilizado por índios em todo continente americano (Santos, Moraes, Holanda, 2006). Outros psicoativos de origem vegetal utilizados no tratamento da dependência química fora do contexto indígena são a maconha e a iboga – um arbusto africano (Santos, Moraes, Holanda, 2006).

Um outro método dentro do uso de substâncias psicoativas, seja num contexto

1 No presente estudo, o termo “religioso” e suas variações foram utilizadas para denominar o conjunto de práticas institucionais e litúrgicas que compõem as religiões. Já o termo “espiritualidade” e suas variações foram utilizados no sentido de dar conta da dimensão metafísica e transcendente da experiência religiosa, abrindo espaço para conexão do sujeito com o sagrado, ainda que por meio de práticas não religiosas. Para aprofundar no debate, consultar Pinto (2009).

religioso ou não, é o uso da ayahuasca, um chá nativo da América do Sul feito por índios, mais especificamente da região amazônica, o qual teve seu uso liberado, no Brasil, apenas para fins religiosos (Pires, Oliveira, Yonamine, 2010). A palavra ayahuasca vem da língua indígena, formada a partir da junção de duas outras: *aya* e *wasca*, que significam, respectivamente, pessoa morta/alma/espírito e corda ou cipó. A tradução seria então algo próximo a “corda dos mortos” (Costa, Figueiredo, Cazenave, 2005). Esse nome foi dado pelos índios quéchua, do Peru e, no Brasil, é conhecida também por “yage”, pelos índios tupis e, por “hoasca”, pelos seringueiros e caboclos do norte do país (De Souza, 2011). A bebida também é chamada de “medicina”, “vegetal” ou “daime”, dependendo do contexto religioso da sua utilização (De Souza, 2011).

O chá da ayahuasca é uma infusão de duas plantas: a *Psychotria viridis*, que são as folhas de um arbusto, e o *Banisteriopsis caapi*, que é o tronco e a casca de um cipó, formando um chá com um aspecto viscoso e coloração marrom-escuro (Pires, Oliveira, Yonamine, 2010; De Souza, 2011). O chá é preparado pelo xamã ou “ayahuasqueiro feitor” e, conforme variam suas habilidades na produção, varia também a concentração da substância, visto que não há uma padronização no modo de preparo e nas quantidades (Pires, Oliveira, Yonamine, 2010; De Souza, 2011). Alguns fatores podem influenciar a concentração da bebida, tais como: a forma de preparo, a quantidade e a proporção de cada planta colocada, os efeitos da sazonalidade, a época de coleta e o tipo de solo (Pires, Oliveira, Yonamine, 2010; De Souza, 2011).

Para Assis, Faria e Lins (2014), o chá da ayahuasca pode ser chamado de substância enteógena, pois produz estados alterados de consciência que levam a expansão e mudanças nas formas de percepção e criam uma experiência interna de conexão com o divino (Metzner, 1998). Dentre os grupos indígenas que fazem uso da ayahuasca, temos um total de 72 tribos da Amazônia e as principais são: kaxinawá, yaminawa, sharanawa, ashaninka, airo-pai, baranara e outras de cultura xamã (Costa, Figueiredo, Cazenave, 2005; Pires, Oliveira, Yonamine, 2010). Dentro do contexto indígena, a bebida seria fundamental para ajudar o índio a perceber a separação entre seu corpo e seu espírito e, assim, conseguir alcançar a “aldeia celeste”, o destino final do seu espírito (Costa, Figueiredo, Cazenave, 2005).

A ayahuasca começou a ser estudada cientificamente, em 1849, pelo inglês Richard Spruce, um botânico que realizou diversas viagens à Amazônia equatorial, peruana e brasileira com o intuito de montar um inventário sobre a variedade de plantas existentes nessa região (Pires, Oliveira, Yonamine, 2010; De Souza, 2011). No Brasil, desde 1992, o uso desse chá é autorizado apenas para fins religiosos, tendo como principais religiões que fazem uso da ayahuasca o santo daime, a barquinha e a união do vegetal, assim como uma grande diversidade de grupos de xamanismo e neoxamanismo. Em 2010, um Grupo Multidisciplinar de Trabalho estabelecido pelo Conselho Nacional de Políticas sobre Drogas (CONAD), formado por psicólogos, médicos antropólogos e representantes de instituições religiosas que fazem uso da ayahuasca, publicou um documento que buscava ampliar a discussão sobre o uso terapêutico do chá (Shanon, 2003; Mercante, 2013a). Ainda em 2010, foi publicada no Diário Oficial da União uma resolução do CONAD aprovando, a partir de então, o uso do chá para fins religiosos. Segundo Mercante (2013a), esse grupo:

Recomendou que o uso terapêutico do chá ficasse suspenso até que experimentações humanas pudessem ser realizadas para avaliar se este uso é seguro. As instituições pesquisadas alegam só empregá-la em suas práticas religiosas. Contudo, tais práticas possuem um efeito terapêutico, ainda que este seja atribuído ao ritual (Mercante, 2013, p. 530).

Segundo De Souza (2011), mesmo após a autorização dada pelo governo brasileiro, não foi divulgado nenhum tipo de informação falando sobre os efeitos do chá e seus possíveis riscos (De Souza, 2011). No entanto, estudos como o de Costa, Figueiredo, Cazenave (2005) apontam para alguns efeitos adversos decorrentes do uso da ayahuasca, ainda que raros. Nesse sentido, existem algumas restrições quanto ao uso da ayahuasca e são elas: contraindicação do uso em conjunto de medicamentos inibidores seletivos da recaptção de serotonina (ISRS) pela possibilidade de ocorrer uma “síndrome serotoninérgica” (Costa, Figueiredo, Cazenave, 2005; Pires, Oliveira, Yonamine, 2010). Quando associado a antidepressivos tricíclicos ou medicamentos inibidores da MAO (monoaminoxidase), pode ocorrer hipertensão (De Souza, 2011). Quanto à composição química da ayahuasca, nas folhas da *Pycotria viridis* se faz presente um alcaloide N,N-dimetiltriptamina (DMT) no cipó, ou Mariri, que é nativo das zonas tropicais da América do Sul e das Antilhas, está presente as β -carbolinas que são as inibidoras da enzima monoaminoxidase (MAO) (Pires, Oliveira, Yonamine, 2010; Jesus Júnior, Salvi, Evangelista, 2015).

Os efeitos do chá se iniciam após uma hora depois do uso e duram por mais quatro horas (Shanon, 2003; Jesus Júnior, Salvi, Evangelista, 2015). Devido a composição química do chá, existem estudos que relatam efeitos positivos para tratamentos de doenças como depressão, infecções parasitárias gastrointestinais, síndrome de Parkinson e outros. (De Souza, 2011; Santos et al. 2018). Também existem evidências que “demonstram os benefícios no âmbito psicoterapêutico, sua eficácia junto ao tratamento do etilismo crônico e do uso de outras drogas de abuso, além de mudanças em estados comportamentais de ansiedade, alienação, agressividade, dentre outros” (Jesus Júnior, Salvi, Evangelista, 2015, p. 55). No estudo de Grob et. al., (2004), observam-se relatos de ex-dependentes químicos em nicotina, cocaína, anfetamina e álcool que, após entrarem em alguma religião que tinha o chá de ayahuasca, tiveram seu comportamento mudado, deixando o vício e não apresentando recaídas.

Diversos estudos vêm apontando a religiosidade como uma importante prática social que auxilia os sujeitos a produzirem sentidos para a sua existência e fornece elementos que contribuem para que os indivíduos compreendam a si mesmos, ao mundo e às pessoas com as quais se relaciona (Jodelet, 2013; Teixeira e Menezes, 2013; Martins, 2019). Nessa perspectiva, a religiosidade ocupa um lugar central na cultura brasileira, orientando os fiéis nos seus modos de pensar, sentir e agir em relação a diferentes temáticas, dentre elas as práticas de saúde e autocuidado (Jodelet, 2009; Alves, 2011; Ribeiro e Minayo, 2014).

Tratando-se de um contexto marcado por uma diversidade religiosa, como o Brasil, é recorrente que, frente às situações de adoecimento, os sujeitos busquem nas religiões e nos seus representantes recursos que os auxiliem a compreender as origens e causas das

enfermidades, bem como procurem nos grupos religiosos estratégias de cura e cuidado que os auxiliem no alívio dos sintomas e na retirada das enfermidades (Esperandio e Correa, 2017; Ribeiro e Minayo, 2014; Martins, 2019). Esse cenário se torna ainda mais intenso e complexo ao se considerar as condições e agravos relacionados à saúde mental, como a depressão, ansiedade, dependência química, dentre outros, frequentemente percebidas pelos grupos religiosos como enfermidades produzidas pelo mundo espiritual e que, portanto, exigem uma abordagem terapêutica que inclua a religiosidade (Jodelet, 2013; Martins, 2019). Nesse contexto, situamos os grupos religiosos que utilizam os saberes e as plantas da floresta, como a Ayahuasca, para tratamento da dependência química.

Assim, frente a esse contexto, o presente estudo tem como objetivo analisar a produção científica brasileira sobre o uso ayahuasca no contexto do tratamento da dependência química.

Métodos

Trata-se de uma pesquisa de revisão integrativa que possibilita o levantamento e a análise cuidadosa de artigos relevantes, já disponíveis na literatura, com potencial de responder às questões de pesquisa previamente elaboradas (Crossetti, 2012). Segundo Crossetti (2012) a revisão integrativa possibilita construir uma síntese de outros estudos já realizados, podendo auxiliar na compreensão e apresentar conclusões acerca de um tema ou fenômeno específico.

No presente estudo, foram consultadas as bases de dados do Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePSIC), Scientific Electronic Library Online (SciELO), Google Acadêmico e Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde (Lilacs). Dentro das plataformas virtuais foram utilizados três termos para a pesquisa, sendo eles “Ayahuasca”, “Santo Daime” e “Dependência Química”, escolhidos por possibilitar acesso a publicações que auxiliassem na compreensão do objeto de investigação. As plataformas foram acessadas entre fevereiro e julho de 2019, sendo possível identificar um total de 322 publicações. Em seguida, foram excluídas as publicações repetidas e que não dispunham de versão completa e gratuita online, restando 232 artigos.

A partir da tabela gerada pela exclusão de títulos repetidos e não disponibilidade de leitura completa, selecionamos os artigos a partir do título, excluindo aqueles que não se relacionavam concomitantemente com o santo daime, a ayahuasca e a dependência química. Após essa seleção, restaram 27 estudos. Para seleção final, foram utilizados os seguintes critérios: ser artigo científico publicado em revista científica; ser artigo original, revisão sistemática ou relato de caso; disponibilidade para leitura na íntegra; ser uma produção científica brasileira e ter como tema a ayahuasca, o santo daime e a dependência química, concomitantemente. Ao final do processo, obteve-se um total de 11 publicações, publicadas entre 2006 e 2017, as quais compuseram o corpus de análise (Tabela 1).

Tabela 1 – Relação de artigos selecionados e estudados

Autores	Ano	Título	Revista
Santos, Moraes e Holanda	2006	Ayahuasca e redução do uso abusivo de psicoativos: eficácia terapêutica?	Psicologia: Teoria e Pesquisa
Mercante	2009	Ayahuasca, dependência química e alcoolismo.	Ponto Urbe
Labate et al.	2009	Considerações sobre o tratamento da dependência por meio da Ayahuasca.	Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Psicoativos
Escobar e Roazzi	2010	Panorama contemporâneo do uso terapêutico de substâncias psicodélicas: Ayahuasca e Psilocibina.	Neurobiologia
Mercante	2013a	A Ayahuasca e o tratamento da dependência.	Mana
Mercante	2013b	Dependência, recuperação e o tratamento através da Ayahuasca: definições e indefinições.	Saúde & Transformação Social
Costa	2013	Observações sobre usos diversos e diferentes formas de dependência: de um pronto-socorro espiritual que usa Ayahuasca à Cracolândia.	Saúde & Transformação Social
Jesus Júnior, Salvi e Evangelista	2015	Ayahuasca, qualidade de vida e a esperança de adictos em recuperação: relatos de caso.	Acta Toxicológica Argentina
Teles	2016	O potencial terapêutico da Ayahuasca na doença mental.	Núcleo do Conhecimento
Bitencourt	2017	As experiências com a dependência química em uma “casa de cura” no sul do Brasil.	Revista Latino-americana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad
Mercante	2017	Imaginação, linguagem, espíritos e agência: Ayahuasca e o tratamento da dependência química.	Revista de Antropologia

Resultados e discussão

Após a análise dos artigos selecionados, os achados foram organizados em duas categorias. Na primeira, intitulada “o contexto ritualístico”, são discutidos aspectos relacionados aos principais centros de tratamento de dependência química e que usam a ayahuasca como recurso, assim como as características dos rituais de tratamento. Em seguida, na categoria “processos de cura e transformação”, são discutidas as contribuições do conjunto de estudos analisados para a compreensão das experiências dos sujeitos que se submeteram aos tratamentos de dependência química por meio da ayahuasca. Por fim, na terceira categoria, intitulada “importância do grupo religioso”, é discutida a

importância do grupo religioso para o tratamento da dependência química, bem como para a manutenção das mudanças percebidas, no contexto ayahuasqueiro.

Contexto ritualístico

Um importante fator discutido nos artigos selecionados é sobre a importância do uso ritual do chá, o que amplia a visão do uso apenas do chá num contexto isolado ou desvinculado da religião. É importante destacar que o ritual varia de acordo com os diferentes locais descritos. Desse modo, a partir do conjunto de estudos analisados, foi possível identificar alguns importantes centros de tratamento da dependência química que fazem uso da ayahuasca, seja de forma mais duradoura ou mais pontual (Mercante, 2013a; Mercante, 2013b; Bitencourt, 2017).

O primeiro centro identificado diz respeito ao Takiwasi que, segundo Mercante (2013b), foi fundado no ano de 1992, na Amazônia peruana. Nesse centro se faz uso da ayahuasca, concomitante a dietas específicas e o uso de plantas que provocam vômito para purificar, ou, como é chamado nesse contexto, produzir a purga. Além do tratamento com uso da ayahuasca, que integra aspectos relacionados à espiritualidade e construção de sentidos para a existência, os pacientes também têm acesso a um acompanhamento psicológico e de outros profissionais de saúde de forma concomitante. Ao chegar no Takiwasi, o dependente químico fica isolado durante 15 dias e, após esse período, é novamente inserido no grupo terapêutico. O tratamento de Takiwasi é baseado em três pontos: uso das plantas, psicoterapia e convivência. A psicoterapia faz uso de algumas técnicas tais quais yoga, arteterapia e o psicodrama, além de reuniões para interpretação de sonhos. Os terapeutas também fazem uso da terapia ocupacional, em que se realizam trabalhos físicos, manuais e em grupos como limpeza, manutenção, etc. (Mercante, 2013a).

O segundo centro de recuperação identificado é o Caminho da Luz, localizado no Acre – Brasil (Mercante, 2013b). Durante o tratamento, os usuários fazem uso da ayahuasca ou “vegetal”, como é chamado naquele contexto. Ao chegar na instituição, o paciente é submetido a um tratamento que recomenda o uso de três doses diárias do chá visando a desintoxicação. Entretanto, no decorrer dos dias, o número de doses vai sendo reduzido até chegar a uma única dose diária. No centro, são realizadas reuniões para uso do chá e ainda outras duas sessões por semana, uma para tratarem de questões de convívio dentro da comunidade, a sessão de acerto, e outra para ocorrer uma elevação espiritual, a sessão de escala (Mercante, 2013a; Mercante, 2013b).

Outras duas instituições de tratamento identificadas por Mercante (2013b), encontram-se localizadas nas regiões sul e sudeste do Brasil. O Centro Espiritual Céu Sagrado, situado em Sorocaba – São Paulo, funciona como um “pronto-socorro espiritual”. O “paciente” chega, toma 600 ml do chá e se assenta em uma cadeira onde ficam em silêncio. Muitas vezes ocorrem vômitos e diarreias. Caso a pessoa queira continuar seu tratamento, começa a frequentar a Igreja daimista, que funciona no mesmo local ou, caso prefira, pode voltar ao “pronto socorro” quando necessitar. Por fim, o último centro de tratamento descrito por Mercante (2013b) é o Centro Espiritual Céu da Nova Vida,

que fica no Paraná. O fundador, ex dependente químico, após uma sua participação de um ritual no Centro Espiritual Céu Sagrado, se viu curado e se sentiu inspirado a abrir um CT em seu Estado. Inicialmente eram feitos apenas rituais de cura e, depois, seguiu o modelo do CT Céu Sagrado.

Outros estudos não apresentam uma caracterização do contexto de investigação. Nesse sentido, situa-se o de Bitencourt (2017) que investigou a utilização da ayahuasca em uma “casa de cura”, localizada em um município da região sul do Brasil. Segundo esta autora, nessa casa de cura primeiro é preenchida uma ficha em que são coletados alguns dados principais e que serão utilizados caso a pessoa passe por algum processo mais intenso e precise ser acompanhada para casa. Após isso, a pessoa é conduzida a um salão, onde homens sentam de um lado e mulheres do outro. É dado um saco e guardanapos para que seja utilizado caso a pessoa sinta vontade de vomitar. O chá é servido em altares com símbolos ligados ao masculino e ao feminino. Durante a cerimônia são tocados hinos no momento inicial, após há um momento de silêncio – nem fala, nem músicas. Esse período é o momento particular da pessoa em sua experiência com o chá. Muitos excretam de alguma forma secreções corporais – este processo, como já dito, é visto como um processo de limpeza.

De modo geral, é possível perceber que os diferentes centros religiosos investigados utilizam o chá da ayahuasca como elemento central no processo de cura dos pacientes, passando a perceber a dependência química como uma doença espiritual (Mercante 2009; Mercante, 2013a; Mercante, 2013b; Bitencourt, 2017). Nessa perspectiva, no contexto ayahuasqueiro a dependência química também é vista como um problema de cunho espiritual (Mercante 2009; Mercante, 2013a; Mercante, 2013b; Bitencourt, 2017; Mercante, 2017).

Segundo os estudos analisados, durante o ritual os participantes experenciam processos de “limpeza” do corpo físico e espiritual, expresso em forma de vômitos e evacuações, dentre outros (Mercante, 2009; Mercante, 2013b, p. 530; Costa, 2013; Bitencourt, 2017). Segundo Mercante (2013), durante o ritual de cura, “as toxinas acumuladas pelo uso da droga são eliminadas”. Em outros estudos, esse processo é descrito como purga (Costa, 2013; Mercante, 2013a; Mercante, 2017), em que o participante faz uso de algumas “plantas vomitivas” que realizam limpeza no organismo, assim como em sua mente e emoções (Mercante, 2017).

Processos de cura e transformação

Além do processo purgativo, os estudos também revelam que, durante o ritual e, sob os efeitos da ayahuasca, os participantes se defrontam com importantes e profundas reflexões sobre a sua história de vida e questões existenciais, as quais mobilizam a transformação dos modos de pensar, sentir e agir acerca de diferentes temas. Essa experiência, frequentemente, é vivenciada pelos participantes como um momento de dor e choque, especialmente por trazer à tona lembranças de experiências traumáticas e dolorosas. Mercante (2017, p. 583) destaca que a planta que dá origem ao chá é vista, no contexto de investigação, como uma planta “professora”, permeada por “seres

espirituais portadores de linguagem e agência”, ou seja, nesse contexto as plantas adquirem uma característica para além de mero vegetal e passa a ser parte importante nesse contexto ritual.

Nessa perspectiva, destaca-se o estudo de Santos, Moraes e Holanda (2006), que identificaram que essa experiência é vivenciada pelos participantes como um “momento de choque”, especialmente, no que se refere ao conteúdo apresentado pelas “mirações”, ou seja, as visões produzidas na consciência do sujeito durante o uso da ayahuasca. Na mesma direção, em seu estudo, Mercante (2009) traz relatos que concordam também apontam para a experiência de choque. Segundo este autor:

O choque seria realizado durante as sessões, quando os assistidos eram levados a refletir sobre suas experiências durante o próprio ritual, e a conexão destas com sua vida, assim como sobre a situação em que se encontravam, sobre o efeito das drogas e do álcool nas suas relações com o mundo (Mercante, 2009, p. 13).

Segundo Mercante (2009), quando o “assistido” se deparava com os aspectos da sua vida antes das drogas e comparava esse momento com sua condição atual, ele entrava em choque. Tal experiência parece produzir um estado de ampliação da consciência e favorece um estado reflexivo sobre sua situação atual, o seu passado, assim como o seu futuro. Nos estudos de Mercante (2009; 2013a; 2013n) pode-se observar os relatos de pessoas que afirmam ter percebido, durante as cerimônias, o “mal que fazia a sua família” e a si mesmo. Na mesma direção Santos, Moraes e Holanda (2006) trazem um relato de uma pessoa que, ao ingerir o chá pela primeira vez, afirma que o mesmo a fez alterar sua forma de percepção e suas emoções, reconhecendo essa “carga emocional” como um potencial de cura e transformação. De forma semelhante, Teles (2016) também relata sobre essa “forte carga emocional”, o que para a autora é o fator principal para efetivação da “cura” da dependência.

Em outros estudos é possível perceber que o uso da Ayahuasca também se apresenta como um importante recurso para a prevenção da dependência química e não apenas para o seu tratamento. Nesse sentido, no estudo desenvolvido por Mercante (2013a) foi possível observar que jovens que faziam parte de alguma religião ayahuasqueira apresentavam menor índice de uso de drogas ou dependências do que jovens que não tomavam o chá. Escobar e Roazzi (2010), por sua vez, observaram altos índices de espiritualidade entre “aqueles que experienciam os efeitos da ayahuasca”, bem como “casos de superação de dependência química”, a partir da inserção nesses grupos religiosos.

Outro importante produto do uso da ayahuasca são as mirações. Segundo os estudos analisados, a ayahuasca contém algumas substâncias que produzem as imagens e sensações semelhantes a dos sonhos (Pires, Oliveira e Yonamine, 2010). Por isso, as mirações são as imagens que os usuários veem de olhos fechados (Shanon, 2003; Costa, Figueiredo e Cazenave, 2005) sob efeito da ayahuasca e, que segundo Mercante (2009; 2013a; 2013b; 2017), são consideradas como a característica mais marcante do efeito do uso desta bebida, ou seja, o momento de “revelação, tornando mais evidente as dimensões internas e externas da pessoa”.

No estudo de Santos, Moraes e Holanda (2006) pode-se ver relatos de uma entrevistada que logo após tomar o chá, disse ter vomitado o álcool que consumia em

excesso e que começou a ter uma miração de uma placa de cocaína saindo pelo seu nariz. Ela relatou também ter tido uma sensação muito grande de limpeza. Ainda no referido estudo, a mesma entrevistada afirma ter começado a se sentir muito bem e que, ao mesmo tempo, começou a pensar no caminho que teria dali para a frente, cheio de mudanças e coisas que precisava resolver. Um outro fato que relatou ter pensado foi sobre como estava sua relação com seus familiares e que tinham bastante tempo que não se relacionavam de forma efetiva. Santos, Moraes e Holanda (2006) ressaltam que, mais importante do que evidenciar se essas visões de substâncias saindo pelo seu nariz sejam ilusões ou não, é reconhecer o “potencial transformativo” dessa experiência para a pessoa que utiliza a ayahuasca.

Na mesma perspectiva, De Souza (2011) afirma que as mirações são parte fundamental do processo de cura. Segundo Mercante (2009), as mirações podem “forçar” os dependentes a experienciarem, conscientemente, seus problemas, assumindo também o papel de unificar os diferentes níveis de existência na consciência, realizando a interconexão entre percepções, pensamentos e sentimentos.

Segundo os estudos analisados, uma importante consequência das mirações é a tomada de consciência de algumas coisas de que, até então, o usuário não tinha conhecimento. Jesus Júnior, Salvi e Evangelista (2015) puderam observar, após relatos de entrevistas realizadas em seu trabalho, que o chá parece ter a capacidade de mostrar o que a pessoa que o toma está “fazendo de errado” e o que precisa mudar. Os autores também observaram que, após fazerem uso da ayahuasca, essas pessoas relatavam não querer mais fazer uso de nenhuma outra substância ilícita. É a partir dessa mudança de percepção que os autores afirmam que usuários podem mudar comportamentos prejudiciais à sua saúde, após a participação nos rituais ayahuasqueiros.

Segundo Santos, Moraes e Holanda (2006), “a indução ritualizada de modificações da consciência, com ou sem substâncias, estabelece uma estrutura simbólica universal dentro da qual estas experiências adquirem significado, permitindo que o indivíduo se inscreva dentro de um modelo de integração cultural” (p. 368). Sendo assim, com as mirações há ressignificação de alguns aspectos da vida do sujeito por meio dessa tomada de consciência.

Segundo os estudos analisados, nessa tomada de consciência há um encontro com uma nova maneira de conceber a vida, a produção de autoconhecimento (Santos, Moraes e Holanda, 2006). Nesse estado de consciência alterado, o dependente químico entra em “contato com níveis mais profundos da personalidade” (De Souza, 2011, p. 351) e percebe aspectos da realidade antes desconsiderados (De Souza, 2011). Por meio do chá, o dependente químico pode entrar em contato “a severidade de seu problema com as drogas, iluminar as raízes emocionais deste problema, limpar energeticamente o corpo, clarear o sentido de valor dos pacientes e reconectar os pacientes com seus corpos” (Mercante, 2013a, p. 534).

Desse modo, os autores dos estudos analisados concordam que as mirações têm papel importante no processo de cura, em conjunto com o contexto, a experiência espiritual, os efeitos biológicos e os processos de limpeza. Em outras palavras, as mirações compõem a parte mais subjetiva do processo e, segundo Mercante (2017), a ayahuasca mostra aquilo que a pessoa precisa mudar e a faz ter contato com os piores conteúdos

de sua vida. Ainda segundo esses estudos, para além de revelar, a planta também é “portadora de linguagem” e de certa forma traduz as emoções que o sujeito até então não conseguia nomear, o faz ter contato com elas para assim mudar o que precisa ser mudado em sua vida.

Importância do grupo religioso

Para além do uso da planta ou do chá, o contexto tem um papel de grande importância no processo de cura do dependente (Labate e cols., 2009; Mercante, 2013a; Mercante, 2013b; Bitencourt, 2017). Nessa perspectiva, os estudos de Santos, Moraes e Holanda (2006) afirmam que o ambiente físico e o contexto das cerimônias de uso da ayahuasca são fundamentais para o tratamento da dependência química, pois o processo psicossocial e o contexto ritual em conjunto com os aspectos religiosos, as normas, as recomendações e as punições do grupo religioso são fatores importantes no abandono do uso das drogas de abuso.

Bitencourt (2017) traz o relato de uma pessoa que alcançou a cura após se inserir na religião do santo daime. Segundo a autora, para os ex-dependentes químicos o contexto foi de extrema importância para a sua transformação, possibilitando fazer parte de uma organização que possui regras e que propicia aos pacientes desempenhar um novo papel social. No estudo de Labate et al. (2009), é observada a importância da amizade nessa nova fase da vida do sujeito, principalmente no começo do uso do chá, pois ao entrar em contato com o choque já dito, o sujeito passa a ser apoiado pelo seu novo ciclo de amizades, o que fortalece, dá uma sensação de conforto e bem-estar. Todos esses fatores passam a fazer parte do fortalecimento desse sujeito que precisa agora ter um novo relacionamento consigo mesmo e com o grupo à sua volta.

Santos, Moraes e Holanda (2006) também corroboram a importância dessa amizade ao trazer o relato de uma das participantes de sua pesquisa. Segundo os autores, no contexto ritualístico, os participantes podem construir novas amizades, percebidas pelos entrevistados como mais genuínas do que aquelas do período em que dependiam de substâncias ilícitas. Da mesma forma, Mercante (2009) corrobora os demais autores, reafirmando a importância da amizade e dos vínculos grupais, no contexto do tratamento religioso da dependência química, por meio da ayahuasca. O autor destaca que, inserido em um novo grupo, o sujeito passa a ter reconhecida a sua importância, passando a se perceber como um indivíduo útil para a comunidade religiosa, não recebendo tantos julgamentos morais, como no contexto que estava inserido anteriormente.

Nesse sentido, os estudos também apontam para mudanças nos círculos de sociabilidade e interação social. Desse modo, o sujeito que, antes, frequentava lugares em que o uso de álcool e de outras drogas era comum, passa a frequentar outros espaços que possuem outros valores e regras, sendo o uso de substâncias ilícitas proibidos, em grande parte, das religiões ayahuasqueiras. Nessa mesma vertente, Mercante (2013a) afirma que “as modificações neurobioquímicas não se sustentam caso não seja modificado o ambiente interno e externo onde o sujeito está inserido” (p. 540). Para ele, com o uso da ayahuasca, o sujeito entraria em contato com as suas emoções que são

gatilhos para o uso da droga e deve então fazer algo com esses gatilhos, essas emoções. Se não houver uma reconstrução de pensamentos e comportamentos, provavelmente haverá uma recaída.

Ainda segundo Mercante (2013a), “as drogas proporcionavam momentos de prazer intenso, resultando na desestruturação da vida do dependente [...] as experiências com ayahuasca podem ser desagradáveis, mas possuem um efeito estruturante na vida do paciente” (p. 541). Esse efeito para Mercante (2013a; 2013b) é construído na interação com o grupo. Para o autor, estar em um grupo é fundamental, possuir uma identidade não apenas individual e subjetiva, mas também social, ter um sentimento de pertencimento (Mercante, 2013a; Mercante, 2013b).

Considerações finais

Nesta revisão integrativa, buscou-se considerar e retomar vários aspectos já tratados em outras publicações sobre a ayahuasca e o seu uso no tratamento da dependência química. A cura por meio da ayahuasca não se deve apenas as reações físicas, mas a todo um contexto em que está inserida. Os estudos analisados apontam para uma experiência complexa marcada por um conjunto de reações físicas, tomada de consciência, processo de limpeza, reestruturação de relações sociais e afetivas, inserção em um grupo, sua propriedade religiosa, psíquica, dentre outros aspectos. Nota-se também que o uso da ayahuasca é uma parte de algo mais complexo, especialmente no que se refere às práticas de saúde. Nesse sentido, o uso do chá em contexto religioso não elimina o papel de outras áreas também constituintes do processo de cura, tal como a psicoterapia e outros tratamentos convencionais da saúde. Entretanto, pode ser apontado como uma terapêutica integrativa e complementar ainda a ser explorada pela literatura científica brasileira, que se revelou ainda incipiente.

Diante de todos os elementos citados nessa revisão (mirações e tomada de consciência, a importância do ritual e o papel do contexto e das relações sociais, etc.), pode-se observar a importância desses efeitos da religiosidade no tratamento da dependência química. Pode-se perceber que, a partir do uso ritualístico da ayahuasca e por meio das mirações, os indivíduos entram em contato com aspectos de sua vida, ampliam a consciência, contribuindo para a mudança de seus comportamentos. Tal transformação parece se sustentar a partir das novas relações sociais que surgem ao entrar para uma nova religião.

Os dados dos estudos analisados revelam que o problema da dependência química é muito mais amplo que apenas o biológico, o que explica o fato de o uso da ayahuasca não ser importante apenas em seu campo farmacológico/orgânico, mas com relação também ao contexto em que é inserido. Os efeitos que foram apresentados acima podem ser observados em qualquer usuário do chá, dependente químico ou não, no entanto pode-se pensar em quais as implicações subjetivas que a ayahuasca traz ao dependente. Quanto à parte orgânica, o chá produz alguns efeitos de “purgação” e que, em contexto religioso, assumem o papel de limpeza ou purificação daquelas toxinas ingeridas ao se usar a droga.

As mirações que acontecem, em um segundo momento, mostram ao sujeito tudo ou parte daquilo que é disfuncional em sua vida, seus comportamentos que até então estavam “errados” e ainda mostram uma forma de agir para que esses comportamentos não ocorram mais. Nesse aspecto, pode-se pensar em até que nível o chá age na estrutura psíquica da pessoa. Há uma tomada de consciência em decorrência das mirações e também mudanças no comportamento que são sustentadas pelas novas relações sociais formadas. O conjunto de regras e normas da nova religião também exercem influência. Retomando uma citação de Mercante (2013a), que diz que mudanças psíquicas somente se sustentam quando mudanças externas e internas que influenciam aquela parte do psiquismo também se alteram.

Os estudos analisados nessa revisão integrativa dizem positivamente sobre o uso da ayahuasca no tratamento de dependentes químicos e ressaltam também que este é um problema complexo e que necessita de um grande esforço de todas as partes envolvidas na recuperação da pessoa. A ayahuasca entra como um importante elemento que atua nos níveis biológicos e também espirituais e, por isso, ela também não reduz a importância de outras áreas atuantes no processo de recuperação do dependente. A combinação desses fatores mostrou resultados eficazes de recuperação. Pode se dizer isso a partir de todos os elementos que foram explicitados no decorrer do texto.

Por fim, nota-se que é preciso ainda mais estudos sobre o uso da ayahuasca como ferramenta no tratamento da dependência química. Estudos para desmistificar esse uso e que o ampare com relação aos riscos, dosagem, e outros fatores. A dependência como um grave e crescente problema social precisa de diversas ferramentas que ajam para sua diminuição, e a ayahuasca pode ser um importante recurso vegetal natural que pode contribuir para enfrentamento deste fenômeno.

Referências

ALVES, M. F. Religião e sexualidade: permanências e transformações da perspectiva de jovens pentecostais de Recife/PE – Brasil. *Ciências Sociais e Religião*, v. 13, n.15, pp. 83-113, 2011.

ASSIS, C. L.; FARIA, D. F.; LINS, L. F. Bem-estar subjetivo e qualidade de vida em adeptos de ayahuasca. *Psicologia e Sociedade*, v. 26, n. 1, pp. 224-234, 2014.

BITENCOURT, S. M. As experiências com a dependência química em uma “casa de cura” no sul do Brasil. *Revista Latino-americana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad*, v. 23, n. 9, pp. 12-24, 2017

COSTA, R. B. Observações sobre usos diversos e diferentes formas de dependência: de um pronto-socorro espiritual que usa Ayahuasca à Cracolândia. *Saúde & Transformação Social*, v. 4, n. 2, pp. 167-178, 2013.

COSTA, M. C. M.; FIGUEIREDO, M. C.; CAZENAVE, S. O. Ayahuasca: uma abordagem toxicológica do uso ritualístico. *Archives of Clinical Psychiatry*, v. 32, n. 6, pp. 310-318, 2005.

- CROSSETI, M. G. O. Revisão integrativa de pesquisa na enfermagem o rigor científico que lhe é exigido. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, v. 33, n. 2, pp. 8-9, 2012.
- DE SOUZA, P. Alcalóides e o chá de ayahuasca: uma correlação dos “estados alterados de consciência” induzido por alucinógenos. *Revista Brasileira de Plantas Mediciniais*, v. 13, n. 3, pp. 349-358, 2011.
- ESCOBAR, J. A.; ROAZZI, A. Panorama contemporâneo do uso terapêutico de substâncias psicodélicas: Ayahuasca e Psilocibina. *Neurobiologia*, v. 73, n. 03, pp. 159-172, 2010.
- ESPERANDIO, M.R.; CORREA, M. R. O papel da espiritualidade/religiosidade no fenômeno da drogadicção: uma revisão integrativa de literatura. *REVER – Revista de Estudos de Religião*, v. 17, n.2, pp. 73-98, 2017.
- GROB, C. S., MCKENNA, D. J., CALLAWAY, J. C., BRITO, G. S., NEVES, E. S., OBERLAENDER, G., SAIDE, O. L., LABIGALINI, E., TACLA, C., MIRANDA, C. T., STRASSMAN, R. J., & BOONE, K. B. Farmacologia humana da hoasca: efeitos psicológicos. Em B. C. LABATE & W. S. ARAÚJO (Orgs.). *O uso ritual da ayahuasca*. 2a ed. Campinas: Mercado de Letras. 2004, pp. 653-669.
- JESUS JÚNIOR, T. D.; SALVI, J. O.; EVANGELISTA, D. H. Ayahuasca, qualidade de vida e a esperança de adictos em recuperação: relatos de caso. *Acta toxicológica argentina*, v. 23, n. 1, pp. 53-61, 2015.
- JODELET, D. Contribuição do estudo das representações sociais para uma psicossociologia do campo religioso. In: Almeida, A.; JODELET, D. (Orgs.). *Interdisciplinaridade e diversidade de paradigmas*. Brasília: Thesaurus, 2009, pp. 203-224.
- JODELET, D. A perspectiva interdisciplinar no campo de estudo do religioso: contribuições da Teoria das Representações Sociais. In: FREITAS, M.H.; PAIVA, G.J.; MORAES, C. *Psicologia da religião no mundo ocidental contemporâneo: desafios da interdisciplinaridade*. v.01. Brasília: Editora Universa, 2013, pp. 89-111.
- LABATE, B.; SANTOS, R. G.; ANDERSON, B.; MERCANTE, M.; BARBOSA, P. C. Considerações sobre o tratamento da dependência por meio da Ayahuasca. Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Psicoativos. Disponível em: <http://www.nep.info> Acesso em 20 dez 2018.
- MARTINS, A. M. Masculinidades no Reino de Deus: corpo, gênero e Representações Sociais de masculinidades entre frequentadores da Igreja Universal do Reino de Deus. (Tese de Doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.
- MERCANTE, M. S. A. Ayahuasca, dependência química e alcoolismo. *Ponto Urbe*, v. 5, n. 1, pp. 1-17, 2009.
- MERCANTE, M. S. A. Ayahuasca e o tratamento da dependência. *Maná*, v. 19, n. 3, pp. 529-558, 2013a.

- MERCANTE, M. S. A. Dependência, recuperação e o tratamento através da Ayahuasca: definições e indefinições. *Saúde & Transformação Social*, v. 04, n. 02, pp. 126-138, 2013b.
- MERCANTE, M. S. A. Imaginação, linguagem, espíritos e agência: Ayahuasca e o tratamento da dependência química. *Revista de Antropologia*, v. 60, n. 02, pp. 562-587, 2017.
- METZNER, R. Hallucinogenic Drugs and Plants in Psychotherapy and Shamanism. *Journal of psychoactive drugs*, v. 30, n. 4, pp. 1-10, 1998.
- PINTO, E. B. Espiritualidade e Religiosidade: articulações. *Revista Estudos da Religião*, n. 4, pp. 68-83.
- PIRES, A. P. S.; OLIVEIRA, C. D.; YONAMINE, M. Ayahuasca: uma revisão dos aspectos farmacológicos e toxicológicos. *Revista de Ciências Farmacêuticas Básica e Aplicada*, São Paulo, v. 31, n. 1, pp. 15-23, 2010.
- RIBEIRO, F. M. L.; MINAYO, M. C. S. O papel da religião na promoção da saúde, na prevenção da violência e na reabilitação de pessoas envolvidas com a criminalidade: revisão de literatura. *Ciência e Saúde Coletiva*, v. 19, n. 6, pp. 1773-1789, 2014.
- SANTOS, R. G.; MORAES, C. C.; HOLADA, A. Ayahuasca e redução do uso abusivo de psicoativos: eficácia terapêutica? *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 22, n. 3, pp. 363-370, 2006.
- SANTOS, R. G.; SANCHES, R. F.; OSORIO, F. L.; HALLAK, J. E. Long-term effects of ayahuasca in patients with recurrent depression: a 5-year qualitative follow-up. *Archives of Clinical Psychiatry*, v. 45, n. 1, pp. 22-24, 2018.
- SHANON, B. Os conteúdos das visões da ayahuasca. *Mana*, v. 9, n. 2, pp. 109-152, 2003.
- TELES, T. B. O potencial terapêutico da Ayahuasca na doença mental. *Núcleo do Conhecimento*, v. 12, n. 01, pp. 41-58, 2016.
- TEIXEIRA, F.; MENEZES, R. *Religiões em movimento*. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.
- UNODC – United Nations Office on Drugs and Crime. *World Drug Report*. 2014. Disponível em: http://www.unodc.org/documents/lpo-brazil//Topics_drugs/Publicacoes/World_Drug_Report_2014_web.pdf. Acesso em: 08/03/2018.

Recebido: 26 de setembro de 2019.

Aprovado: 6 de setembro de 2020.